

arquivos analíticos de políticas educativas

Revista acadêmica, avaliada por pares,
independente, de acesso aberto, e multilíngüe



aape | epaa

Arizona State University

Volume 24 Número 65

13 de junho 2016

ISSN 1068-2341

Educação para a democracia: Os artigos do intelectual Anísio Teixeira no jornal *Folha de S. Paulo* em 1968

Fernando Gouvêa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

Citação: Gouvêa, F. (2016). Educação para a democracia: Os artigos do intelectual Anísio Teixeira no jornal *Folha de S. Paulo* em 1968. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 24(65).

<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v24.2185>

Resumo: O artigo tem como objeto de estudo o pensamento do intelectual Anísio Teixeira no ano de 1968 face ao recrudescimento do governo de arbítrio instalado no Brasil em 1964. Para a consecução desta empreitada as fontes utilizadas serão os artigos da autoria do referido intelectual que foram publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre junho e dezembro de 1968. Trata-se de um objeto ainda não aprofundado pela historiografia da Educação no Brasil. Desta forma, o trabalho está filiado aos estudos sobre política educacional e trajetórias de intelectuais. A metodologia utilizada repousa na pesquisa de caráter documental e histórico, especialmente no que concerne à História Cultural que valoriza fontes variadas como os impressos e à História Política que entende o intelectual como um ator político. No que concerne à operação historiográfica das fontes, estão assentadas as seguintes análises: os conteúdos destes artigos; as imbricações entre a escalada da violência do governo de exceção e os temas abordados pelo articulista; os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e as novas preocupações; a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira e quais pontos ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente.

Palavras-chave: Educação e democracia; política educacional; ditadura militar; Brasil; 1968

Education for democracy: Articles from the intellectual Anísio Teixeira in the *Folha de São Paulo* newspaper in 1968

Abstract: The research object in this article is the intellectual thought of Anísio Teixeira in 1968 that opposed the recrudescency of the arbitration government installed in Brazil in 1964. In order to accomplish this research, articles written by the intellectual and published by the newspaper *Folha de S. Paulo* by June and December 1968 were examined. This topic has not yet been deepened by the historiography of education in Brazil, and thus, this work is affiliated with studies on educational policy and trajectories of intellectuals. The methodology rests on documental and historical research, particularly with regards to cultural history, which values printing as a cultural practice and printed papers as cultural products and representations and political history, which understands the intellectual as a political actor. Regarding the historiographical operation of sources, the following analyses are presented: the contents of the articles; the overlapping of both the increasing violence of the government and the issues covered by the writer; the ideals present in the texts that have permeated Teixeira's work in the course of his intellectual trajectory and also his new concerns; and finally, the contribution of this set of articles for the historiography of Brazilian education, and specifically, points that are still salient for current Brazilian society.

Keywords: Education and democracy; educational politics; military dictatorship; Brazil; 1968

Educación para la democracia: Los artículos del intelectual Anísio Teixeira en el periódico *Folha de S. Paulo* en 1968

Resumen: El presente artículo tiene por objeto de estudio el pensamiento del intelectual Anísio Teixeira durante el año de 1968 frente al recrudecimiento del gobierno de facto instalado en Brasil en 1964. Las fuentes utilizadas para la consecución de este propósito serán los artículos de autoría del citado intelectual, publicados por el periódico *Folha de S. Paulo*, entre junio y diciembre de 1968. Se trata de un objeto de estudio poco profundizado por la historiografía de la Educación en Brasil. Así, este trabajo está inscrito en los estudios sobre política educativa y trayectorias de intelectuales. La metodología utilizada reposa en la investigación de carácter documental e histórico, especialmente en lo que se refiere a la Historia Cultural, que valoriza diversas fuentes, como impresos, y la Historia Política, que considera al intelectual como un actor político. En lo que se refiere a la operación historiográfica de las fuentes, fueron analizados los contenidos de esos artículos, las relaciones entre la escalada de violencia del gobierno de facto y los temas abordados pelo articulista, los idearios presentes en los textos que ya permeaban la obra de Teixeira a los largo de su trayectoria intelectual y las nuevas preocupaciones, la contribución de ese conjunto de artículos para la historiografía de la educación brasileña y los aspectos que todavía permanecen candentes para la sociedad brasileña en el presente.

Palabras-clave: Educación y democracia, política educacional, dictadura militar, Brasil, 1968

Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo o pensamento do intelectual Anísio Teixeira¹ no ano de 1968 face ao recrudecimento do governo de arbítrio instalado no Brasil em 1964. Para a consecução desta empreitada, as fontes utilizadas serão os artigos da autoria do referido intelectual

¹ Nasceu em Caetité, Bahia, em 12 de julho de 1900. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1922 e obteve o título de Master of Arts pelo Teachers College da Columbia University, em Nova York, em 1929. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1971.

que foram publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo*² entre junho e dezembro de 1968, tendo como esteio metodológico a História Cultural e a História Política. Trata-se de um objeto ainda não aprofundado pela historiografia da Educação no Brasil. Desta forma, o trabalho de pesquisa está filiado aos estudos sobre trajetórias de intelectuais.

A metodologia utilizada repousa na pesquisa de caráter documental e histórico, especialmente no que concerne à História Cultural que valoriza fontes variadas como os impressos (periódicos, boletins, revistas) e à História Política que entende o intelectual como um “ator do político”, do ator que apresenta “um engajamento na vida da cidade” e “nos seus projetos”, que também pode ser a testemunha ou a consciência destes movimentos no que refere à assinatura de manifestos e abaixo-assinados, criação de revistas e demais ações que se estendam a outros campos sociais (Sirinelli, 2003, p. 231).

Há que se destacar que se trata de um ator do político que opera em rede. Segundo Elias (1994, p. 35), nessa rede

Muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um dos seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de uma maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede [...].

Não escapa aos olhos que parte destes artigos reapareceram como integrantes da primeira parte do livro *Educação no Brasil* (1969) identificada como Notas sobre a Universidade e, passados vinte anos, receberam destaque na coletânea *Educação e Universidade* (1998) onde os cinco artigos constantes das referidas notas foram condensados sob o título *Reforma Universitária* na década de 1960. Ademais, os artigos Systems analysis (*Folha de S. Paulo*, cinco de outubro de 1968) e Tecnologia e Pensamento (*Folha de S. Paulo*, vinte e seis de outubro de 1968) conquistaram espaço na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*³.

Então, cabe uma indagação: por que retomar artigos que – além da publicação original – foram objeto de divulgação científica em diferentes meios e ocasiões? A resposta buscará expressar a justificativa para este empreendimento intelectual. Vejamos: temos somente sete artigos republicados num total de vinte e oito editados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, ou seja, vinte e um artigos permanecem inexplorados ou pouco conhecidos nos meios acadêmicos e, mesmo os sete republicados, o foram em um suporte impresso distinto de um jornal.

Assim, este estudo se apresenta como uma primeira aproximação analítica com o conjunto de textos escritos por Teixeira para o jornal *Folha de S. Paulo* de junho a dezembro de 1968 que pode contribuir para a uma compreensão e dimensionamento dos posicionamentos do intelectual face aos problemas que são atinentes à questão das Políticas Públicas Educacionais do Brasil, mas que

² Jornal paulista diário em circulação com este nome desde o início da década de 1960. Foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã* (Cohn & Hirano, 2001, p. 2.235).

³ Tecnologia e pensamento - n. 113 (1969, janeiro) e Systems analysis com o título modificado para Análise de sistemas e educação – n. 129 (1973, janeiro). Vale asseverar que *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* foi criada em 1944 no âmbito do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (atualmente, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), órgão do Ministério da Educação. A revista está em circulação.

ultrapassam este limite e incluem análises da conjuntura política, social, econômica num exercício de crítica sobre problemas crônicos da humanidade, dentro e fora do país. Teixeira foi convidado para ser articulista do periódico em carta de Octavio Frias de Oliveira, presidente da empresa jornalística, em nove de abril de 1968 (ATt 1968.04.09, CPDOC-FGV⁴).

Tanto quanto o conteúdo dos artigos está em jogo o suporte que dá vida a cada um destes textos: um periódico de alcance nacional. Uma caixa de ressonância para a análise das inquietações do tempo histórico em destaque. Embora, seja imperioso afirmar que neste trabalho não será possível precisar o impacto dos artigos de Teixeira como pensador no âmbito da sociedade brasileira. Tal perspectiva demandará investigações posteriores em demais periódicos da época.

Cabe registrar que em 1976, Leonides Justiniano, elaborou uma dissertação de mestrado sobre o perfil pedagógico de Anísio Teixeira, tendo como público respondente os docentes e os discentes do curso de pedagogia de quatorze universidades públicas e privadas das regiões sudeste e centro-oeste. Este trabalho utilizou exclusivamente os livros de Teixeira para a aferição do grau de prestígio e revelou que “Educação no Brasil era o livro com a maior receptividade entre os informantes” (p. 55). Ou seja, o livro que trouxe os artigos do jornal *Folha de São Paulo*. Entretanto, um ano após a publicação original, fora do contexto de época e num suporte impresso diferente.

No que concerne a este artigo, estão assentados os seguintes questionamentos: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações? Qual a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira? Por fim, quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente?

Acompanhando Skinner (2005, p. 206), vale acrescentar que é necessário, também, “[...] identificar um outro tipo de relação causal entre os princípios em nome dos quais as pessoas dizem pautar a sua ação e os caminhos que, de fato, tomam as suas ações sociais ou políticas”

Por certo, Teixeira construiu uma sólida carreira no campo educacional e no campo da política em meio a tantas afinidades eletivas e ações de abrangência nacional e internacional. Caso contrário, não teria permanecido por treze anos e por treze ministros na circunscrição do Ministério da Educação (Gouvêa, 2009).

Um Intelectual e as Suas Redes Relacionais

A fim de compreender as redes relacionais de Teixeira, torna-se relevante assinalar as funções e os cargos acumulados pelo intelectual nos anos 1950 e 1960. A Tabela 01 oferece uma visão de conjunto em relação aos períodos em que o intelectual esteve à frente de cada uma das instituições nacionais e internacionais.

A extensa lista de cargos ocupados pelo intelectual, tanto no plano nacional quanto no internacional, assinala a centralidade do ator no âmbito do poder público federal e na visibilidade que deteve no campo das ideias e ações na luta por uma educação pública, laica e com qualidade numa sociedade democrática.

⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

Tabela 1

A participação de Anísio Teixeira em Instituições Educacionais (1951-1964)

Instituição	Período de atuação	Cargo ou Função
CAPES- Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior	1951 a 1964	Secretário Geral
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais	1952 a 1964	Diretor
SBPC– Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência	1955 a 1959	Presidente
CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais	1955 a 1964	Diretor
ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros	1955 a 1959	Membro do Conselho Curador
OEA – Organização dos Estados Americanos	1956 a 1960	Perito em Educação
PABAE – Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar	1957 a 1964	Diretor
CHEAR - Conselho de Educação Superior nas Repúblicas Americanas	1958 a 1964	Membro do Comitê Executivo do Conselho
	1965 a 1968	Membro do Conselho
OPA – Operação Pan-Americana	1958 a 1961	Perito em Educação
CFE – Conselho Federal de Educação	1962 a 1968	Conselheiro
UnB – Universidade de Brasília	1963 a 1964	Reitor

Fonte: Gouvêa (2008).

Segundo Farias, Amaral e Soares (2001, p. 210), com o advento do golpe civil-militar de 1964, Teixeira “foi afastado de suas funções no dia vinte e sete de abril daquele ano, e aposentado compulsoriamente. Com autorização especial do presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco,⁵ embarcou para os Estados Unidos.”

Retornou ao Brasil em 1966 e foi convidado para ser consultor da Fundação Getúlio Vargas e da Companhia Editora Nacional. Reassumiu o mandato no Conselho Federal de Educação que se encerrou em 1968. Neste ano, conforme relatado na Introdução, recebeu o convite do Jornal *Folha de S. Paulo* a fim de que participasse do Caderno Especial sobre a crise de maio na França. O Caderno Especial teve, também, a participação de Edgar Morin com a entrevista A imaginação no poder. Teixeira seguiu até dezembro de 1968 como articulista do periódico.

O jornal *Folha de S. Paulo*, até meados de 1962, se mostrou afinado com as propostas do poder executivo federal. No entanto, em agosto deste mesmo ano, ocorreu uma mudança na direção do periódico. Mudança nos cargos de chefia e mudança das orientações da linha editorial. Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, ao assumirem as posições hierárquicas de comando junto com o diretor de redação, José Reis, modernizaram o processo de circulação e de impressão, tendo alcançado em 1963 o posto de o jornal com a maior circulação paga no Brasil. Imprimiram um rumo opositor ao Governo João Goulart (1961-1964) e pela visibilidade conseguiram mobilizar uma parcela considerável da opinião pública em favor de ações que culminaram com o golpe civil-militar de 1964 (Ferreira, 2006).

⁵ Presidente da República no período de 1964 a 1967.

Ainda no tocante à trajetória do jornal *Folha de S. Paulo*, o apoio explícito ao golpe não significou um alinhamento automático a todas as medidas tomadas pelo regime haja vista que a censura à imprensa gradativamente passou a ser o centro dos ataques mais virulentos às conquistas da sociedade democrática. De fato, o jornal buscou manter uma postura independente com críticas moderadas ao governo federal. Fato que não agradou aos militares e nem à esquerda (Cohn & Hirano, 2001).

Desta forma, abriu-se um espaço para discordâncias e embates que estiveram presentes no seu Primeiro Caderno. Compunham a quarta página do caderno o Editorial e uma Charge ao lado; logo abaixo, o Artigo do dia fazendo fronteira com a seção Cartas à Redação em atendimento às críticas dos leitores e, por fim, em ponto inferior, a seção A Opinião Alheia que buscou nos editoriais de outros jornais o juízo sobre temas polêmicos. Exatamente aí, neste espaço de destaque e de possibilidade do estabelecimento de controvérsias, foram publicados vinte e oito artigos de Anísio Teixeira no período de dois de junho a trinta de dezembro de 1968.

No campo político, o ano de 1967 assinalou a busca da ditadura militar de consolidação do Poder Executivo como a instância máxima e única de todas as decisões caras ao Estado num processo de coibir quaisquer desvios da ordem estabelecida pelo golpe civil-militar de 1964. Neste clima de insegurança e violência, foi promulgada a Constituição de 1967 numa clara investida de sistematização, formalização e legitimação das medidas autoritárias até então dispersas em inúmeros decretos e marcos regulatórios (Ferreira & Delgado, 2010). O embate entre os militares e a Frente Ampla⁶ de oposição ao regime militar, que tinha como líderes Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart, determinou os rumos do ano de 1968 (Calicchio, 2001, p. 420).

No campo educacional, a promulgação da Lei 5.540 (1968) fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 464 (1969) (Saviani, 2011, p. 365). Na área política, o Ato Institucional nº 5 (1968) possibilitou a cassação e a prisão dos opositores ao regime independente de qualquer apreciação judicial.

Fora do Brasil, especialmente na França, ocorreram os manifestos de maio de 1968. Segundo Judt (2008),

Os eventos de maio tiveram início no outono de 1967, em Nanterre, sombrio subúrbio parisiense e local de uma das extensões da Universidade de Paris construídas às pressas. Havia algum tempo, as residências estudantis em Nanterre abrigavam uma população flutuante de estudantes, de penetras radicais e de um pequeno número de usuários e traficantes de drogas. [...] A administração acadêmica de Nanterre relutava em causar problemas, mas, em janeiro de 1968, expulsou um invasor e ameaçou tomar medidas disciplinares contra um aluno, Daniel Cohn-Bendit [...] Duas semanas depois, o campus de Nanterre foi fechado. [...] A ocupação estudantil da Sorbonne, as barricadas nas ruas e a luta contra a polícia nas noites e madrugadas de 10 e 25 de maio [...] quase paralisaram a França (p. 414).

Portanto, um tempo de convulsões e reflexões que estariam presentes de forma direta ou indireta nos artigos de Anísio Teixeira no jornal *Folha de S. Paulo* em 1968. Mais ainda, segundo Fausto (2012, p. 407), “[...] 1968 não foi um ano qualquer [...] Esse clima, que no Brasil teve efeitos visíveis no plano cultural em geral e da arte, especialmente na música popular, deu impulso à mobilização social [...]”. Vale acrescentar que também em 1968, os grupos de luta armada começaram as suas primeiras ações.

⁶ Movimento de luta pela redemocratização do Brasil e pela garantia dos direitos trabalhistas (Fausto, 2012, p. 407).

A Análise dos Artigos

Dois princípios serão seguidos para a análise: os artigos estão estruturados em dois blocos bimestrais e um trimestral a fim de que não se perca a ordem cronológica e conjuntural e, ao final de cada bloco, ocorrerá a retomada de alguns questionamentos levantados na Introdução deste trabalho, a saber: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações?

As citações diretas de trechos dos artigos trarão as datas dos mesmos a fim de facilitar a compreensão do trabalho proposto.

Tabela 2

Artigos publicados em Junho e Julho de 1968

Título do artigo	Data
A rebelião dos jovens	02 de junho
Modelo para reforma da universidade	08 de junho
De Gaulle e a sociedade de participação	19 de junho
Encontro com um jovem	26 de junho
Liberdade de pensamento e mudança social	29 de junho
Os limites da força	04 de julho
A Universidade e o Estudante – I	13 de julho
A Universidade e a sua reforma –II	17 de julho
A Universidade e a sua reforma -III	20 de julho
A Universidade e a sua reforma -IV	23 de julho

Teixeira evidenciou nestes escritos uma preocupação em compreender o tempo presente como inquietações em relação ao futuro. Escapa, assim, dos caminhos menos tranquilos que levariam à busca de respostas no passado pois segundo o intelectual,

Só conhecemos o passado lendo os historiadores. O privilégio dos historiadores é de escreverem os seus livros já sabendo o que aconteceu depois. A imagem do que aconteceu, ao longo do tempo, os obriga a ver o passado à luz do futuro e daí emprestarem aos acontecimentos um sentido determinante que parece explicar o futuro, que, em rigor, foi imprevisto e inexplicavelmente, ou, pelo menos accidental. Já a observação do contemporâneo é de outra natureza. Estes realmente ignoram o futuro e todo o seu raciocínio se faz a luz do passado. E o passado nem sempre os ajuda a compreender o presente, quanto mais prevê o futuro (02 de junho).

Não se trata do apagamento da história que sempre foi companheira dos estudos de Teixeira. Mas, sim, da tentativa de compreender as rebeliões dos jovens no exterior e no Brasil. Ou seja, interpretar a história no exato momento no qual se desdobra aos seus olhos pois afirma: “[...] Como contemporâneo, também não sei do futuro. Pelo menos, porém, não sejamos tão peremptórios sobre o que esta acontecendo. Deixemos, um pouco, o lugar para a dúvida e tenhamos o senso de reconhecer que estamos diante do novo, do realmente novo, não valendo para enfrentá-lo com as nossas formulas habituais de pensamento” (Ibidem).

O autor utilizou a história como uma ferramenta no entendimento da evolução ou evoluções das sociedades e também dos avanços que, sob o manto do capitalismo, se revelaram retrocessos. Aliás, contrariando a classificação de pensador liberal – atacou com veemência as bases do liberalismo que se tornaram - numa inversão de valores - a fundamentação para a existência do liberalismo excludente. Afirma que tal liberalismo aliado ao capitalismo propagador de injustiças e desigualdades justificam as rebeliões e as manifestações dos jovens por um novo espaço numa nova sociedade.

Além disto, o artigo publicado no dia quatro de julho – não por coincidência o dia da comemoração da independência norte-americana – expressou críticas contundentes à violência exercida pelo governo dos Estados Unidos dentro e fora do país.

A política americana de forças [no Vietnã], além do insucesso, teve ainda como resultado estimular o uso do método da força dentro de seu próprio país, quebrando, de forma considerável, o consenso anterior, que parecia existir, a despeito da segregação racial. Deste modo, a experiência representou forte estímulo à restauração do princípio da força no mundo, pois, ao mesmo tempo que consolidou sua aplicação, constituiu, paradoxalmente, uma demonstração dos limites do uso da força pelos métodos convencionais e das possibilidades insuspeitáveis. Num mundo de promessas e de perigos, não sabemos onde nos levará esse trágico incentivo ao método da violência.

Percebe-se o desencanto de Teixeira frente aos Estados Unidos da América e a opressão imposta aos países mais frágeis. Trata-se de uma alteração significativa no ideário de Teixeira que sempre considerou a América, o pan-americanismo⁷ e as ações conjuntas com a UNESCO como importantes removedores de óbices para o desenvolvimento nacional e modelos a serem seguidos no Brasil. A modificação referente à América, segundo depoimento de Castro (1977, p. 99), é de um período anterior: “depois de 1964, ele (Anísio Teixeira) aí, sim, voltou com uma imagem um pouco mais amarga dos Estados Unidos. Não era mais aquela primeira imagem que ele tinha.” A primeira viagem aos Estados Unidos ocorreu em abril de 1927 - como Secretário de Instrução Pública da Bahia - para estudos sobre organização escolar. O relatório desta viagem originou o livro *Aspectos Americanos de Educação* (1928). Posteriormente, diversas obras de Anísio Teixeira refletiram a ideia de progresso aliada aos Estados Unidos.⁸

Neste bloco de artigos, é flagrante a preocupação com a democracia que tenha como esteio a liberdade de agir e a liberdade de pensar, tendo a universidade como um dos principais espaços para estes exercícios políticos, mantendo-se, desta forma, fiel ao exposto no seu discurso proferido em 1935 por ocasião da inauguração dos cursos da Universidade do Distrito Federal que foi publicado pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* em 1962 e, finalmente, introduzido na coletânea *Educação e Universidade* (1988) sob o título *Universidade: mansão da liberdade*. Sobre as relações entre universidade e democracia afirma que

A universidade será assim um centro de saber, destinado a aumentar o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer a

⁷ Conforme assinalado na Tabela 1, o intelectual participou de diversas instituições que tinham este caráter pan-americano. Um caráter também presente nos textos *União intelectual das três Américas* (1961); *Educação como experiência democrática para cooperação internacional* (1966).

⁸ Destaques para o livro *Em marcha para a democracia – à margem dos Estados Unidos* (1934) e à entrevista *Uma viagem aos Estados Unidos é sempre uma excursão ao futuro* (1956).

imaginação dos jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira. Estas são as ambições da Universidade. Profundamente nacional, mas intimamente ligada, por esse amplo conceito de suas finalidades, às universidades de todo o mundo, à grande fraternidade internacional do conhecimento e do saber. Nessa universidade, professores e estudantes são uma só comunidade, em que sobreleva o estudante, pois este não só é a maior razão de ser da Universidade e, deste modo, o estímulo e a motivação da atividade do professor, como dele é que depende o futuro da sociedade (19 de julho).

Entendia que só teria sucesso o plano educacional que incluísse a valorização do professor nos seus objetivos. Não por documentos e legislações, mas por medidas práticas. Ideias expressas no texto Valores proclamados e Valores reais nas instituições escolares brasileiras⁹. Ainda no tocante às preocupações que já permeavam a trajetória intelectual de Teixeira, não escondeu o articulista o seu temor ao obscurantismo de qualquer espécie, a sua rejeição às imposições oriundas de uma instância de poder inquestionável e a sua certeza de que as mudanças necessárias só seriam realizáveis pela mudança de atitude. No artigo publicado em vinte e três de julho, Teixeira estabelece severas críticas aos Decretos-Lei n. 53 (1966) e n. 252 (1967) que anteciparam aspectos da Reforma Universitária no Brasil em 1968.

Não há nenhum poder de lei que possa subitamente transformar todos esses professores em pesquisadores e dizer que toda universidade vai fazer pesquisa. Ora, nada menos do que isto é o que diz o decreto-lei. É evidente que é irrealizável e a mudança não passará de uma mudança de nomes. Ninguém hoje pode pesquisar sem um domínio sério e aprofundado do que já se sabe. A pesquisa, além de exigir esse conhecimento prévio, só pode apaixonar certos espíritos e não todos os que buscam o ensino superior [...] A maioria, a grande maioria dos que procuram o ensino superior o estão procurando para uma profissão. Os que irão buscá-lo para fazer dele próprio sua carreira são poucos. Entre eles haverá, entretanto, os que desejam fazer do estudo o preparo para ensinar apenas; os poucos que desejarão ensinar e pesquisar; e os pouquíssimos que se devotarão, acima de tudo, à pesquisa. [...] Ora, a reestruturação com que está a sonhar o Brasil é uma reestruturação que transforme, por milagre, todos os professores em pesquisadores e todas as escolas em escolas de pesquisa. É algo de todo irrealizável.

Percebe-se que algumas preocupações se mantêm nos artigos publicados nos períodos posteriores. Entretanto, o recrudescimento do regime opressor se tornou, gradativamente, de forma direta e indireta, o foco do intelectual Anísio Teixeira.

⁹ Documento apresentado à Conferência sobre Educação e desenvolvimento econômico e social na América Latina em 1961, no Chile, publicado em 1962 pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.

Tabela 3

Artigos publicados em Agosto e Setembro de 1968

Título do artigo	Data
Educação para o futuro	03 de agosto
A “contra-revolução” dos jovens	10 de agosto
Compreender o presente e participar do futuro	14 de agosto
Civilização de massa	24 de agosto
Universidades em massa?	31 de agosto
Educação para cada um	07 de setembro
Democracia é O problema	14 de setembro
Países jovens e países velhos	21 de setembro
Escalada da comunicação humana	28 de setembro

Nos três primeiros artigos deste bloco, Teixeira retomou as reflexões sobre a juventude, a educação (especificamente, a universitária) e o tempo futuro. No entanto, é visível a guinada em termos da problematização destes tópicos. Não se trata mais de criticar as evoluções ou revoluções conservadoras mas, sim, pensar e compreender os tons e as cores da contrarrevolução num processo de resistência a ideias retrógradas e antidemocráticas, utilizando como imagem os movimentos dos jovens em diversos países, inclusive no Brasil (não citado diretamente no texto, mas contemplado por vias indiretas haja vista que o artigo de onde foi retirada a citação não menciona qualquer país). Teixeira, afirmou que

[...] O dogmatismo religioso opõe ortodoxia à heresia. O dogmatismo político opõe revolução à contra-revolução. O curioso a notar, desde logo, é que a inconformidade e a dissensão estão na heresia e na contra-revolução. Ser “contra-revolucionário” é que é ser verdadeiramente revolucionário, quando a revolução se faz dogmática para esclarecer a posição dos jovens. A revolução faz-se ortodoxia e a única saída para a inconformidade é a contra-revolução (10 de agosto).

Para entender a sutileza da crítica de Teixeira, faz-se necessário lembrar que os mentores do golpe civil-militar de 1964 o denominaram como Revolução. Na mesma toada, questiona o alinhamento automático entre massa e tumulto ou desordem, estendendo o seu olhar para o empobrecimento conceitual implícito na expressão civilização de massa e nas suas consequências: uma sociedade sem democracia, um abandono da individualidade, um incremento de políticas públicas apenas paliativas e provisórias. Desta maneira, problematiza as seguintes questões:

[...] Mas por que a ideia de massa? O termo é uma palavra para multidão. Mas à multidão se associam as velhas características de irracionalidade emocionalismo, vulgaridade de gostos, preconceitos e hábitos de rebanho. E, nesse caso, a palavra não é uma expressão neutra e descritiva, mas uma classificação. A confusão está exatamente nisto. O termo não descreve, mas julga. Há evidentemente novos fatos coletivos na vida de hoje, mas por que o uso do conceito de massa para caracterizá-los? [...] (24 de agosto).

Não se trata de uma ingênua discussão conceitual, mas das inquietações de Teixeira sobre a democracia que não se aplicaria às massas por serem desorganizadas e carecerem de um rumo que somente de um poder central forte poderia emanar.

O Decreto n. 62.937 (1968) instituiu o Grupo de Trabalho para a Reforma Universitária (GRU) que iniciou a divulgação das suas propostas em agosto e recebeu a seguinte análise em artigo publicado no dia trinta e um de agosto:

O Grupo de Trabalho Universitário só quer que tenhamos hoje universidades. Só, por exceção, haverá ensino superior fora da universidade. Como são 700 os estabelecimentos de ensino superior e mais de 300 isolados, deveremos em breve contar com algumas centenas de universidades. [...] Não há, creio, país no mundo que não tenha ensino superior fora Universidade. A França chegou a suprimir a Universidade. A Alemanha nunca incluiu nela a engenharia e a tecnologia. A Rússia, até hoje, mantém os dois sistemas: universidade e escolas superiores. A Inglaterra, sempre teve uma grande diversidade. Os Estados Unidos têm uma multidão de colleges municipais fora da universidade e também escolas especiais. O Brasil vai ser, creio, o primeiro a universalizar a universidade. [...] E como não ser tentado a recordar o velho hábito nacional do 8 ou 80? Como se conceber, com efeito, transposição tão radical, sem nos recordarmos da tendência nacional à miragem, ou, então, da tendência à transformação da realidade por atos declaratórios, como na colônia, com os decretos de branquidade.

Prossegue o articulista, notoriamente um especialista em propostas de reformas do ensino superior:¹⁰

Se o GTU estivesse em 1549, no Brasil, podia entregar-se a tais fantasias, mas hoje, em 1968, com 160 anos de tradição de ensino superior no Brasil, com a experiência realmente respeitável das escolas de medicina, em que provamos ser capazes de padrões altos, com a desolação com que todos assistimos a nossa crescente perda de padrões no ensino superior – repentinamente nos lançarmos a universidades em massa, por todo o país, é realmente coisas para nos deixar pensativos. [...] Em 1549, o país cometeria erros, pois era criança. Quando se vai encaminhando para cinco séculos de vida, faz-se, subitamente, criança e mergulha em plena fantasia. Ou tudo será apenas a dificuldades de aceitar-se a diversidade e o pluralismo da sociedade? [...]

O recrudescimento da violência das autoridades estabelecidas foi a tônica das entrelinhas dos artigos deste segundo bloco. A ponto de um deles ter o sugestivo título Democracia é O problema, com a letra ‘o’ em maiúscula para que não pudessem pairar dúvidas quanto às intenções do articulista.

A grande crise em que nos debatemos no mundo tumultuado dos nossos dias é esta. Sobre esta crise real e indisfarçável, paira ainda a sombra da guerra, que duzentos anos de democracia não conseguiram eliminar, antes, talvez, sobremaneira a agravaram, pois também ela, - a guerra – ou sobretudo ela, ganhou pela ciência poder inimaginável. Onde estão as esperanças? Confesso que não as vejo no conjunto de forças estabelecidas e dominantes. Têm de vir de novos ângulos de visão do problema democrático. Dois movimentos novos se erguem no horizonte. Em nosso mundo ocidental os seus sinais aparecem com os jovens e com a Igreja. São mais sintomas da patologia extremamente complexa da sociedade do que forças propriamente ditas. Mas, se provocarem um Novo Exame e vierem a reformular a velha crença do homem na vida, na liberdade e na felicidade, para que voltemos a buscá-las sob o

¹⁰ Da autoria de Anísio Teixeira sobre Reforma do Ensino Superior, ver: Educação e Universidade (1998).

escudo da eterna vigilância e do eterno esforço e não como um bem que nos chegará, um dia, de presente, creio que teremos razão de esperar. Democracia ainda é O problema (14 de setembro).

O tema da Democracia já se fizera presente nos rol das problemáticas mais discutidas por Teixeira, desde 1936, no livro *Educação para a Democracia*¹¹: introdução à administração educacional. A leitura do referido livro ensina a percepção das inquietações sobre os rumos da sociedade brasileira em todos os campos, da educação nacional em seus diferentes níveis e modalidades, mas não menos importante, a apreensão do espírito do tempo que dá vida à obra: a demissão de Anísio Teixeira do cargo de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal¹² no período que antecede o autoritário Estado Novo (1937-1945) no primeiro governo Vargas.¹³

Tabela 4

Artigos publicados em Outubro, Novembro e Dezembro de 1968

Título do artigo	Data
Systems analysis	05 de outubro
Russos, americanos e índios	19 de outubro
Tecnologia e pensamento.	26 de outubro
A conjuntura do desenvolvimento	02 de novembro
Reflexões sobre a democracia	09 de novembro
O Processo Civilizatório	23 de novembro
Tirania e despotismo da maioria	07 de dezembro
Sombras e ameaças	14 de dezembro
A grande tradição do nosso tempo	30 de dezembro
A conjuntura do desenvolvimento	02 de novembro
Reflexões sobre a democracia	09 de novembro
O Processo Civilizatório	23 de novembro

Os três primeiros artigos - deste terceiro e último bloco de textos - de Anísio Teixeira no jornal *Folha de S. Paulo*, demonstram o interesse do intelectual nas possibilidades abertas pelas tecnologias para a educação. Avançou o autor na contribuição para estudos de casos com a combinação de análises qualitativas e quantitativas que facilitariam o progresso das ciências humanas. Mas, assevera que toda a parafernália tecnológica não teria sentido sem a presença de um professor que entendesse os rumos e localizasse a direção dos ventos que levariam a humanidade ao desenvolvimento.

Há cerca de uma década surgiu e vem-se desenvolvendo um método de se lidar com problemas de educação. Trata-se do que se vem chamando análise de operações, ou análise de sistema, systems analysis, e consiste, em essência, numa forma nova de considerar, analisar e raciocinar sobre os dados de uma situação educacional.

Anteriormente, tomavam-se as informações e dados estatísticos e depois de analisá-los e apreciá-los, emitia-se um julgamento qualitativo: estava tudo muito bem, ou muito mal, ou mais ou menos. Aceitava-se a situação estabelecida como não modificável e procurava-se medi-la e julgá-la. Hoje, os dados e as informações são

¹¹ Não por acaso, é o título deste artigo.

¹² Sobre o trabalho de Anísio Teixeira no Distrito Federal na década de 1930, consultar: Nunes (2000).

¹³ Sobre o Estado Novo e as suas relações com os intelectuais, ver: Ferreira e Delgado (2010b).

analisados à luz das condições e fatores que os produziram e se examinam alternativas viáveis para mudar ou alterar a situação. Todos os elementos são levados em conta e, considerada a situação como um todo, um sistema interligado e inter-relacionado, propõem-se mudanças e alternativas, a serem apreciadas face aos resultados [...] (05 de outubro).

O intelectual apostou nas mudanças educacionais advindas da tecnologia, mas numa perspectiva plural e não mecânica. No entendimento de Teixeira, o aparato tecnológico abria espaço para uma diversidade de respostas. Assim, o computador provocaria possibilidades de estudos sobre a escola e não o controle das situações educacionais, derrubando o mito do computador como fim do trabalho pedagógico haja vista que se trata de um meio “como simples servo à disposição de seu senhor que é o mestre e o educador.”(Ibidem) e acrescenta:

[...] Entre nós, o método [ou seja, a utilização das tecnologias] somente será possível em situações educacionais em que um mínimo de uniformidades quanto ao mestre, as condições materiais, ao programa e aos métodos tiver produzido o grau de padronização e homogeneidade necessário para a validade do raciocínio e dos cálculos. Daí não ser generalizável senão às situações desenvolvidas do nosso esforço educacional, quando tenhamos atingido grau realmente alto de padronização e homogeneidade. Presentemente, cada situação educacional é uma e só pode ser comparada com ela própria [...] (idem)

Aliás, as imbricações entre tecnologia, cultura e educação permaneceram candentes até o fim da vida de Teixeira haja vista a apresentação intitulada *Systems Analysis em Educação* para o livro *Uma Visão Nova de Educação* da autoria de John Pfeiffer em 1971 e no seu texto *Cultura e Tecnologia* do mesmo ano. Não obstante, sempre questionou a seguinte dualidade

[...] O que marca o nosso tempo é essa aceleração do progresso tecnológico sem a correspondente aceleração no pensamento teórico. Não temos uma teoria da educação, como não temos uma social, mas estamos equipados com uma assustadora tecnologia. A abordagem do systems analysis está em seu começo, mas constitui um dos mais terríveis desafios ao nosso despreparo para utilizá-la. (26 de outubro)

Entretanto, as luzes acesas pelas novas promessas do progresso não foram potentes para iluminar as sombras sentidas e pressentidas que a cada dia ameaçavam – se é que assim pode se chamar – a democracia que ainda restava no Brasil. A iluminação vai se apagando paulatinamente a cada prisão efetuada, a cada repressão, a cada gesto de violência que se impetrava contra os direitos básicos da cidadania. Torna-se importante recordar que - no mês de setembro de 1968 – ocorreu o discurso do deputado Márcio Moreira Alves no qual propunha um boicote à parada militar de sete de setembro. Os militares “[...] requereram ao STF¹⁴ a abertura de um processo criminal contra o deputado por ofensas à honra e à dignidade das Forças Armadas. [...]” (Fausto, 2012, p. 409). Teve início um embate entre os quartéis e o parlamento numa visível escalada de violência por parte do Estado.

Sobre este momento conturbado da vida nacional, no artigo *Reflexões sobre a democracia*, publicado no dia nove de novembro, Teixeira afirma que

¹⁴ Supremo Tribunal Federal.

A democracia é o regime em que, fundados na confiança no homem, escolhemos o autogoverno como o método e processo de se conduzir a realizar a vida. Democracia sempre correspondeu a um sentimento de fé nas potencialidades da natureza humana. [...] Segundo John Dewey, em *Freedom and culture*, 1939, democracia envolve a crença de que as instituições políticas e a lei, levando fundamentalmente em conta a natureza do homem fazem-se as instituições adequadas para o livre e perfeito desenvolvimento da vida humana. [...] E erro histórico foi o de pensar que para o florescimento da democracia, bastaria libertar a natureza humana de toda e qualquer restrição arbitrária. Isto não basta. A democracia não é uma permissão; mas um programa difícil, que tem de ser trabalhado passo a passo. [...] Nosso erro capital foi o de supor que a natureza humana, uma vez liberada de toda e qualquer restrição externa e deixada a si mesma, produziria automaticamente instituições democráticas capaz de funcionarem com êxito. A liberdade é a condição, mas o projeto democrático tem de ser construído com imaginação, esforço e paciência. O problema é o de levar a democracia a prevalecer como nossa proposição moral, nossa afirmação, nosso programa e realização. [...]

Encerra o artigo com questionamentos sobre decisões políticas:

[...] O hábito de conduzi-las pelo livre debate está realmente generalizado? Ou, fora do campo político, prevalece a coerção? Não é verdade que, nas matérias usuais, preferimos procurar a autoridade? Apenas, a verdade social é muito diferente da verdade matemática, por exemplo? E apesar de todas as limitações, o método de debate ainda é o que tem mais vantagens. Tudo está contudo em seus inícios e que prevalece, ainda é a força. Sobretudo, quando parece que a lei e a ordem estão em perigo [...].

Os militares também pensavam desta forma: estavam em perigo a lei e a ordem. Mediante a negativa do Congresso Nacional de abrir mão da imunidade do parlamentar Márcio Moreira Alves, impedindo que fosse processado, os militares responderam com o fechamento do Congresso pelo Ato Institucional nº 5 (1968).

No dia 14 de dezembro, portanto um dia após a instalação do Ato Institucional nº 5, o *Jornal Folha de S. Paulo* publicou o artigo de Anísio Teixeira intitulado *Sombras e Ameaças* (o penúltimo artigo do intelectual presente no periódico). Este escrito serviu como zona de desabafo pois pela primeira vez Teixeira não utilizou metáforas e, sim, críticas diretas à insustentável situação a que chegara o Brasil. Devido ao grau de importância do artigo, longos trechos serão recuperados. Como também foi longo o tempo para que retomássemos a democracia.

Tenho evitado, nestes artigos, examinar a situação particular do país neste *Gottterdammerung* (crepúsculo dos deuses) wagneriano, em que estamos vivendo. Temos felizmente Alceu Amoroso Lima, o nosso grande pensador católico, para nos lavar a alma e nos dar uns lampejos da alvorada que hoje lhe ilumina a vida. [...] Os últimos episódios relativos à prisão de padres, depois da perseguição e prisão de estudantes e de toda essa caça às feiticeiras, com que estamos a retornar às nossas remotas origens inquisitoriais hispânicas e portuguesas, assustam-me sobremodo e me compelem a um comentário. [...] Sempre tive dificuldade em compreender a aura porque-me-ufanística (sic) do Brasil que atingiu alguns representantes de nossa inteligentsia, e de que não nos libertamos completamente. Talvez se essa encontrar

sua origem em certo lirismo tropical de temperamentos aristocráticos e apenas dados ao Brasil pelo laço geográfico.

Prossegue Teixeira com argumentações de caráter histórico:

Com efeito, qualquer percepção menos realista de nossa historia só permite lastimar e nunca exaltar um passado que, praticamente, em nenhum momento, esteve à altura do desafio que nos lançava a terra nova em que desembarcaram os portugueses em 1500. Talvez apenas, Nobrega e seus companheiros estiveram, sem êxito, à altura, naqueles primeiros tempos da imensa aventura da descoberta de um mundo. [...] O traço profundo, entretanto, renitente, realmente operante da vida nacional foi e é o do sentimento oligárquico de que este país é a presa de um grupo ocupante, que aqui está para suas vantagens e proveitos, sabendo aos demais habitantes se deixarem subjugar ou extinguirem-se.

Quanto à nossa identidade, aponta a ausência de conexão entre o proclamado e o real.

Por isto mesmo, ficou por aí tanta gente a falar de doçura brasileira, amor à liberdade, capacidade de convivência, brandura de temperamento, sentimento de conciliação e, até, gosto pelo progresso... Tudo isso, entretanto, ao meu ver, corresponde aos reflexos do nosso mundo de aparências sobre o das realidades. [...] No mundo das realidades, o que houve foi a truculenta ignorância (esta no sentido de retardamento histórico) da classe realmente dominante e a submissão e paciência do povo, longamente habituado a um regime autoritário-paternalista, entremeados de estertores de violência.

Em relação às ações do governo brasileiro em 1968.

Daí não me surpreender, mas sobremodo me alarmar, a volta ao uso da violência pela autoridade no Brasil. A violência está sempre implícita na ação do governo brasileiro. A liberdade sempre foi uma permissão entre nós, que a cada momento podia ser suspensa. Crise como a que estamos vivendo, hoje, no Brasil, podem ter a vantagem de ajudar-nos a penetrar e perceber a realidade, neste país em que reflexos e sombras são tudo que se pode ver do fundo da caverna em que vivemos, que não é a dos filósofos gregos, mas a dos nossos sertanejos perdidos na extensão continental do país e a da imensidão urbana dos pobres do Brasil, todos na verdade brandos, silenciosos e tão imóveis quanto o velho solo arcaico brasileiro à prova de terremotos.

Encerra o artigo com as seguintes constatações:

Uma mais aguda consciência de nossa realidade pode fortalecer-nos, mas não diminui a gravidade das ameaças que pairam no ar. Essas ameaças são as de poder estar-se a ressuscitar e restaurar a real tradição autoritária do país, fazendo-o voltar às suas origens hispânicas e portuguesas. Não esqueçamos que as nações que nos colonizaram têm uma vocação irresistível para os regimes de força e, ainda hoje, vivem sob o jugo de ditadores vitalícios. Dessa vocação não estamos imunes e não posso encarar o que vem ocorrendo no país, sem sentir percorrer-me a espinha o frio

desse doloroso pressentimento. Encontro forças apenas na crença, que me vem de Platão, e é a de que o mundo é mais imprevisível do que o possa imaginar a nossa vã capacidade de pressentimento.

Considerações Finais

Das cinco indagações propostas na introdução deste artigo, duas foram deixadas para este momento: Qual a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira? Quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente?

Em primeiro lugar, o estudo dos escritos de Teixeira no período pós-1964 contribuem para a quebra de uma barreira ou periodização que – por vezes de forma automática - paralisa os investimentos intelectuais de estudantes e de pesquisadores ao advento do golpe civil-militar, como se para além só houvesse o silêncio. Salvo engano, carece, por exemplo, de aprofundamento a atuação Anísio Teixeira na Fundação Getúlio Vargas e na Companhia Editora Nacional no período de 1966 a 1971. Esta linha de raciocínio é que orientou a operação historiográfica e animou a feitura deste trabalho que tenta ser uma modesta contribuição para a historiografia da educação brasileira pois o exame deste conjunto de artigos que – até onde foi possível pesquisar – aparecem como referências esparsas em alguns trabalhos ou em biobibliografias de Anísio Teixeira¹⁵ pode preencher uma lacuna considerável no campo da História da Educação.

O conjunto de artigos analisados é a expressão de um pensador social ainda voltado para as demandas educacionais, porém com um olhar mais crítico sobre os limites desta mesma educação tanto no presente quanto no futuro. Sobretudo, um intelectual preocupado em alargar os horizontes do próprio olhar no sentido político¹⁶ para discutir com propriedade o que estava em jogo no tocante à democracia e aos diferentes entendimentos da mesma por quem estava no poder e por quem era regulado por este poder. Neste sentido, a democracia não era um problema qualquer: era O problema. O motivo do desencanto com a América do Norte (Estados Unidos) e o inconformismo com o uso da força a qualquer preço ecoam nas linhas e habita as entrelinhas face à utilização da repressão e da violência pelo Estado brasileiro até a publicação do artigo Sombras e Ameaças. Neste artigo, Teixeira transfere a indignação sentida das entrelinhas para as linhas da história.

Dos vinte e oito artigos produzidos, sete tiveram a sua publicação em outros espaços de divulgação científica, conforme já assinalado, cinco deles voltados para o tema Universidade. Entretanto, a leitura dos vinte e um textos que não tiveram este mesmo fim revela-se uma contribuição significativa para a historiografia da educação brasileira haja vista os temas, as abordagens e – acima de tudo – o tempo histórico em que foram escritos: no calor da hora e de cada minuto nos quais a escalada de truculências se apresentava como mensageira de tempos incertos e nebulosos.

Então, uma pergunta se anuncia: quais os temas que ainda se fazem presentes para a sociedade brasileira do nosso tempo? A resposta torna-se complexa se houver o cuidado em não inserir nas falas de Teixeira aquilo que ele não disse e aquilo que ele não tentou predizer num exercício de futurologia pedagógica. Assim, tentando afastar os anacronismos, a luta por uma sociedade democrática, as desigualdades econômicas e sociais numa sociedade capitalista, a violência simbólica ou não do Estado, a tentativa de compreensão dos desejos e necessidades das novas

¹⁵ Ver: Geribello (1977); Farias, Amaral e Soares (2001).

¹⁶ Sobre o sentido político na vida e obra de Teixeira, consultar: Azevedo (1973); Lima (1978) e Ribeiro (1997).

gerações e a criação de novas universidades num processo de improvisação e de precarização ainda estão em alta nos livros, nos artigos, nas pesquisas, nos debates e nas aulas deste nosso tempo.

Por fim, a imersão neste conjunto de escritos de um intelectual que foi compulsoriamente aposentado e respondeu a dois inquéritos militares em 1964, retornando ao país em 1966, instiga a pensar quais foram os impactos destes artigos publicados em 1968 para o governo militar. De certo, os órgãos de censura e repressão colecionaram os artigos de uma voz discordante face aos arbítrios cometidos pela ditadura.¹⁷

Fato é que Teixeira - em 1969 - não mais pertencia ao quadro de articulistas do Jornal *Folha de S. Paulo*. Assim, a leitura do objeto de pesquisa revelou a existência de um cidadão que enfrentou o sistema, que denunciou o arbítrio. O portador desta voz estava muito próximo de conquistar mais uma tribuna em 1971: A Academia Brasileira de Letras. Faleceu em circunstâncias suspeitas ao ser encontrado num poço de elevador. Assim, ainda em tempos de sombras e ameaças, o barco não voltou ao cais.

Referências

- Ato Institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968. (1968). São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 05 de abril, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm
- Azevedo, F. (1973). *Figuras de meu convívio: Retratos de família e de mestres e educadores*. São Paulo: Duas Cidades.
- Bobbio, N. (1997). *Os intelectuais e o poder: Dívidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea* (M. Nogueira, Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1993).
- Calicchio, V. (2001). Atos Institucionais. In A. Abreu., I. Bloch., F. Lattman-Weltman., & S. Lamarão (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro; Pós-1930* (Vol. 2, 2a ed., Ed. ver.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Carvalho, M. (2003). *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF.
- Castro, A. (1977). *Depoimento ao Projeto História Oral e História da Ciência – Convênio da Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)*.
- Catani, D. (Orgs) (2002). *Educação em revista: A imprensa periódica e a história da educação* (2a ed.). São Paulo: Escrituras Editora.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural: Entre práticas e representações*. (M. Galhardo, Trad.). Lisboa: Difel.
- Chartier, R. (2001). *Cultura escrita, literatura e história; Conversas com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saboriti*. (E. Rosa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Chartier, R. (2003). *Formas e sentido - cultura escrita: Entre distinção e apropriação*. (M. Matencio, Trad.). Campinas: Mercado de Letras.

¹⁷ Em 2012, foi instituída a Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade no âmbito da Universidade De Brasília. As investigações sobre a morte do intelectual ocorreram no período de abril de 2012 a abril de 2015. Neste momento, aguarda-se a publicação do relatório final da comissão.

- Cohn, A., & Hirano, S. (2001). Folha de São Paulo. In A. Abreu., I. Bloch., F. Lattman-Weltman., & S. Lamarão (Coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro; Pós-1930* (Vol. 2, 2a ed., Ed. ver.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade. (2012). Recuperado em 05 de abril, 2015, de <http://www.comissaoverdade.unb.br/>
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1967. (1967). Brasília, DF. Recuperado em 12 de abril, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm
- Decreto-Lei n. 53, de 18 de novembro de 1966. (1966). Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 13 de fevereiro, 2015, de <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126183/decreto-lei-53-66>
- Decreto-Lei n. 252, de 28 de fevereiro de 1967. (1967). Estabelece normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 13 de fevereiro, 2015, de <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=117229>
- Decreto n. 62.937, de 02 de julho de 1968. (1968). Dispõe sobre a instituição de grupo de trabalho para promover a reforma universitária, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 2 de março, 2015, de <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62937-2-julho-1968-404810-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Decreto-Lei n. 464, de 11 de fevereiro de 1969. (1969). Estabelece normas complementares à Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 2 de março, 2015, de http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0464.htm
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos* (V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. (Obra original publicada em 1987).
- Faria, L., & Filho (Org.). (2005). *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Farias, D., Amaral, L., & Soares, R. (2001). Biobibliografia de Anísio Teixeira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 82(200), 207-242. <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/420/425>
- Fausto, B. (2012). *História do Brasil* (14a ed.). São Paulo: EDUSP.
- Ferreira, J., & Delgado, L. (Orgs.)(2010a). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX* (4a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, J., & Delgado, L. (Orgs.)(2010b). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (3a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, M. (Coord.) (2006). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Folha de S. Paulo. Banco de Dados Folha*. Recuperado em 02 de outubro, 2012, de <http://acervo.folha.com.br/>
- Fundação Getúlio Vargas. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil*. Arquivo Anísio Teixeira. Documento ATt 1968.04.09. Recuperado em 15 de maio, 2015, de <http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AT>
- Geribello, W. (1977). *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas.
- Gouvêa, F.(2008). *Tudo de novo no front: O impresso como estratégia de legitimação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. (1952-1964)*. Tese de Doutorado, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=125603
- Gouvêa, F. (2009, outubro). Anísio Teixeira e os treze ministros: A estratégia doce de um apolítico. *Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Caxambu, MG, Brasil, 32.

- <file:///D:/Master/Downloads/ANISIO TEIXEIRA E OS TREZE MINISTROS A E .pdf>
- Gouvêa, F. (2010). O primeiro decênio da CAPES: uma Campanha Extraordinária (1951-1960). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 91(229), 528-542.
<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT05-5179--Int.pdf>
- Gouvêa, F. (2012a). O estudo do Boletim Informativo da CAPES: Contribuições para a historiografia da Educação Superior no Brasil nos anos 1950-1960. *Cadernos de História da Educação*, 11(1), 145-164. <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/17535/9634>
- Gouvêa, F. (2012b). A institucionalização da pós-graduação no Brasil; o primeiro decênio da CAPES (1951-1961). *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 9(17), 373-397.
<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/viewFile/312/294>
- Judt, T. (2008). *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945* (J. O'Shea, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Justiniano, L. (1976). *Sobre o perfil pedagógico de Anísio Teixeira: Ensaio avaliatório de sua contribuição à educação do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. (1968). Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 12 de abril, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm
- Lima, H. (1978). *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Magaldi, A., & Gondra, J. (Orgs.) (2003). *A reorganização do campo educacional no Brasil: Manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Miceli, S. (2001). *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nunes, C. (2000). *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF.
- Pinto, D., Leal, M., & Pimentel, M. (Coords.) (2000). *Trajetórias de liberais e radicais pela educação pública*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ribeiro, D. (1997). *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saviani, D. (2011). *História das ideias pedagógicas no Brasil* (3a ed.). Campinas: Autores Associados.
- Sirinelli, J. (2003). Os intelectuais. In R. Rémond (Org.). *Por uma História Política* (2a ed.). (D. Rocha, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV. (Obra original publicada em 1996).
- Skinner, Q. (2005). *Visões da Política: questões metodológicas* (J. George, Trad.). Algés: Portugal.
- Teixeira, A. (1928). *Aspectos americanos de Educação*. Salvador: Tipografia de São Francisco.
- Teixeira, A. (1934). *Em marcha para a democracia, à margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Teixeira, A. (1935). A função das universidades: discurso em 31/07/1935, como Reitor Interino da Universidade do Distrito Federal, na inauguração dos cursos. *Boletim da Universidade do Distrito Federal*, (1), 11-24.
- Teixeira, A. (1956). Uma viagem aos Estados Unidos é sempre uma excursão ao futuro. Entrevista concedida ao jornal *A Noite*, em 28 de março, Rio de Janeiro.
- Teixeira, A. (1961). União intelectual das três Américas: entrevista. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 35(82), 180-183. <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/uniao.html>
- Teixeira, A. (1962). Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 37(86), 59-79.
<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/valores.html>
- Teixeira, A. (1966). Educação como experiência democrática para cooperação internacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 45(102), 257-272.
<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/educacao3.html>

- Teixeira, A. (1968). A rebelião dos jovens. *Folha de S. Paulo*, 02 de junho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Modelo para reforma da universidade. *Folha de S. Paulo*, 08 de junho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). De Gaulle e a sociedade de participação. *Folha de S. Paulo*, 19 de junho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Encontro com um jovem. *Folha de S. Paulo*, 26 de junho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Liberdade de pensamento e mudança social. *Folha de São Paulo*, 29 de junho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Os limites da força. *Folha de S. Paulo*, 04 julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A Universidade e o Estudante – 1. *Folha de São Paulo*, 13 de julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A Universidade e o Estudante – 1. *Folha de São Paulo*, 13 de julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A Universidade e a sua Reforma – 2. *Folha de São Paulo*, 17 de julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A Universidade e a sua Reforma – 3. *Folha de São Paulo*, 20 de julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A Universidade e a sua Reforma – 4. *Folha de São Paulo*, 23 de julho, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Educação para o futuro. *Folha de S. Paulo*, 03 de agosto, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A contra-revolução dos jovens. *Folha de S. Paulo*, 10 de agosto, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Compreender o presente e participar do futuro. *Folha de S. Paulo*, 14 de agosto, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Civilização de massa. *Folha de S. Paulo*, 24 de agosto, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Universidades em massa? *Folha de S. Paulo*, 31 de agosto, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Educação para cada um. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Democracia é O problema. *Folha de S. Paulo*, 14 de setembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Países jovens e países velhos. *Folha de S. Paulo*, 28 de setembro, São Paulo, Brasil.
- Teixeira, A. (1968). Escalada da comunicação humana. *Folha de S. Paulo*, 28 de setembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Systems analysis. *Folha de S. Paulo*, 05 de outubro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Russos, americanos e índios. *Folha de S. Paulo*, 19 de outubro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Tecnologia e pensamento. *Folha de S. Paulo*, 26 de outubro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A conjuntura do desenvolvimento. *Folha de S. Paulo*, 02 de novembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>

- Teixeira, A. (1968). Reflexões sobre a democracia. *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). O processo civilizatório. *Folha de S. Paulo*, 23 de novembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Tirania e despotismo da maioria. *Folha de S. Paulo*, 07 de dezembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). Sombras e ameaças. *Folha de S. Paulo*, 14 de dezembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1968). A grande tradição do nosso tempo. *Folha de S. Paulo*, 30 de novembro, São Paulo, Brasil. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1969). Tecnologia e pensamento. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 51(113), 157-159. <http://acervo.folha.com.br/>
- Teixeira, A. (1971). Systems Analysis em Educação. Apresentação do livro *Uma nova visão da Educação* da autoria de John Pfeiffer. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- Teixeira, A. (1973). Análise de sistemas e educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 59(129), 57-59. <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/systemanalysis.html>
- Teixeira, A. (1997). *Educação para a Democracia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1936).
- Teixeira, A. (1998). *Educação e Universidade* (Coleção Obras completas de Anísio Teixeira). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Teixeira, A. (1999). *Educação no Brasil* (3a ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1969).
- Vale, A. (2006). *O ISEB, os intelectuais e a diferença: um diálogo teimoso na educação*. São Paulo, SP: Editora UNESP.

Sobre o Autor

Fernando Gouvêa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

gouveafcf@uol.com.br

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, das Instituições Educativas e dos Movimentos Sociais (GEPHUR). Atua na área de História da Educação. Autor de diversos livros sobre a História das Instituições Educacionais dos anos 1940 a 1960, como “A Formação e a atuação dos professores ontem e hoje” em colaboração com Flávio Andrade (EDUR, 2013); “A CAPES de Anísio Teixeira (1951-1964): a trajetória de uma pesquisa” (QUARTET, FAPERJ, 2013) em parceria com Ana Waleska Mendonça e Teresa Cavalcanti; “Educação e Relações Étnico-Raciais” com Luiz Fernandes de Oliveira e Sandra Regina Sales (DE PETRUS ET ALII/CAPES, 2014).

arquivos analíticos de políticas educativas

Volume 24 Número 65

13 de junho 2016

ISSN 1068-2341



O Copyright é retido pelo/a o autor/a (ou primeiro co-autor) que outorga o direito da primeira publicação à revista **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. Más informação da licença de Creative Commons encontram-se em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5>. Qualquer outro uso deve ser aprovado em conjunto pelo/s autor/es e por AAPE/EPAA. AAPE/EPAA é publicada por *Mary Lou Fulton Institute Teachers College da Arizona State University*. Os textos publicados em **AAPE** são indexados por CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas, Espanha) DIALNET (Espanha), [Directory of Open Access Journals](#), Education Full Text (H.W. Wilson), EBSCO Education Research Complete, ERIC, QUALIS A2 (Brasil), SCImago Journal Rank; SCOPUS, SOCOLAR (China). Contribua com comentários e sugestões a <http://epaa.info/wordpress/> ou para Gustavo E. Fischman fischman@asu.edu.

Curta a nossa comunidade EPAA's Facebook <https://www.facebook.com/EPAAAAPE> e Twitter feed @epaa_aape.

arquivos analíticos de políticas educativas conselho editorial

Editor Executivo: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editoras Associadas: **Geovana Mendonça Lunardi Mendes** (Universidade do Estado de Santa Catarina),
Marcia Pletsch, Sandra Regina Sales (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Almerindo Afonso

Universidade do Minho
Portugal

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa
Catarina, Brasil

José Augusto Pacheco

Universidade do Minho, Portugal

Rosanna Maria Barros Sá

Universidade do Algarve
Portugal

Regina Célia Linhares Hostins

Universidade do Vale do Itajaí,
Brasil

Jane Paiva

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Maria Helena Bonilla

Universidade Federal da Bahia
Brasil

Alfredo Macedo Gomes

Universidade Federal de Pernambuco
Brasil

Paulo Alberto Santos Vieira

Universidade do Estado de Mato
Grosso, Brasil

Rosa Maria Bueno Fischer

Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, Brasil

Jefferson Mainardes

Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Brasil

Fabiany de Cássia Tavares Silva

Universidade Federal do Mato
Grosso do Sul, Brasil

Alice Casimiro Lopes

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Jader Janer Moreira Lopes

Universidade Federal Fluminense e
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Brasil

António Teodoro

Universidade Lusófona
Portugal

Suzana Feldens Schwertner

Centro Universitário Univates
Brasil

Debora Nunes

Universidade Federal do Rio Grande
do Norte, Brasil

Lílian do Valle

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Flávia Miller Naethe Motta

Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Brasil

Alda Junqueira Marin

Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Brasil

Alfredo Veiga-Neto

Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Brasil

Dalila Andrade Oliveira

Universidade Federal de Minas
Gerais, Brasil

education policy analysis archives editorial board

Lead Editor: **Audrey Amrein-Beardsley** (Arizona State University)

Executive Editor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Associate Editors: **Sherman Dorn, David R. Garcia, Oscar Jimenez-Castellanos,
Eugene Judson, Jeanne M. Powers** (Arizona State University)

Cristina Alfaro San Diego State University	Ronald Glass University of California, Santa Cruz	R. Anthony Rolle University of Houston
Gary Anderson New York University	Jacob P. K. Gross University of Louisville	A. G. Rud Washington State University
Michael W. Apple University of Wisconsin, Madison	Eric M. Haas WestEd	Patricia Sánchez University of University of Texas, San Antonio
Jeff Bale OISE, University of Toronto, Canada	Julian Vasquez Heilig California State University, Sacramento	Janelle Scott University of California, Berkeley
Aaron Bevanot SUNY Albany	Kimberly Kappler Hewitt University of North Carolina Greensboro	Jack Schneider College of the Holy Cross
David C. Berliner Arizona State University	Aimee Howley Ohio University	Noah Sobe Loyola University
Henry Braun Boston College	Steve Klees University of Maryland	Nelly P. Stromquist University of Maryland
Casey Cobb University of Connecticut	Jaekyung Lee SUNY Buffalo	Benjamin Superfine University of Illinois, Chicago
Arnold Danzig San Jose State University	Jessica Nina Lester Indiana University	Maria Teresa Tatto Michigan State University
Linda Darling-Hammond Stanford University	Amanda E. Lewis University of Illinois, Chicago	Adai Tefera Virginia Commonwealth University
Elizabeth H. DeBray University of Georgia	Chad R. Lochmiller Indiana University	Tina Trujillo University of California, Berkeley
Chad d'Entremont Rennie Center for Education Research & Policy	Christopher Lubienski University of Illinois, Urbana-Champaign	Federico R. Waitoller University of Illinois, Chicago
John Diamond University of Wisconsin, Madison	Sarah Lubienski University of Illinois, Urbana-Champaign	Larisa Warhol University of Connecticut
Matthew Di Carlo Albert Shanker Institute	William J. Mathis University of Colorado, Boulder	John Weathers University of Colorado, Colorado Springs
Michael J. Dumas University of California, Berkeley	Michele S. Moses University of Colorado, Boulder	Kevin Welner University of Colorado, Boulder
Kathy Escamilla University of Colorado, Boulder	Julianne Moss Deakin University, Australia	Terrence G. Wiley Center for Applied Linguistics
Melissa Lynn Freeman Adams State College	Sharon Nichols University of Texas, San Antonio	John Willinsky Stanford University
Rachael Gabriel University of Connecticut	Eric Parsons University of Missouri-Columbia	Jennifer R. Wolgemuth University of South Florida
Amy Garrett Dikkers University of North Carolina, Wilmington	Susan L. Robertson Bristol University, UK	Kyo Yamashiro Claremont Graduate University
Gene V Glass Arizona State University	Gloria M. Rodriguez University of California, Davis	

archivos analíticos de políticas educativas consejo editorial

Editor Ejecutivo: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editores Asociados: **Armando Alcántara Santuario** (Universidad Nacional Autónoma de México), **Jason Beech**,
(Universidad de San Andrés), **Antonio Luzon**, Universidad de Granada

Claudio Almonacid
Universidad Metropolitana de
Ciencias de la Educación, Chile

Miguel Ángel Arias Ortega
Universidad Autónoma de la
Ciudad de México

Xavier Besalú Costa
Universitat de Girona, España

Xavier Bonal Sarro Universidad
Autónoma de Barcelona, España

Antonio Bolívar Boitia
Universidad de Granada, España

José Joaquín Brunner Universidad
Diego Portales, Chile

Damián Canales Sánchez
Instituto Nacional para la
Evaluación de la Educación, México

Gabriela de la Cruz Flores
Universidad Nacional Autónoma de
México

Marco Antonio Delgado Fuentes
Universidad Iberoamericana,
México

Inés Dussel, DIE-CINVESTAV,
México

Pedro Flores Crespo Universidad
Iberoamericana, México

Ana María García de Fanelli
Centro de Estudios de Estado y
Sociedad (CEDES) CONICET,
Argentina

Juan Carlos González Faraco
Universidad de Huelva, España

María Clemente Linuesa
Universidad de Salamanca, España

Jaume Martínez Bonafé
Universitat de València, España

Alejandro Márquez Jiménez
Instituto de Investigaciones sobre la
Universidad y la Educación, UNAM,
México

María Guadalupe Olivier Tellez,
Universidad Pedagógica Nacional,
México

Miguel Pereyra Universidad de
Granada, España

Mónica Pini Universidad Nacional
de San Martín, Argentina

Omar Orlando Pulido Chaves
Instituto para la Investigación
Educativa y el Desarrollo Pedagógico
(IDEP)

José Luis Ramírez Romero
Universidad Autónoma de Sonora,
México

Paula Razquin Universidad de San
Andrés, Argentina

José Ignacio Rivas Flores
Universidad de Málaga, España

Miriam Rodríguez Vargas
Universidad Autónoma de
Tamaulipas, México

José Gregorio Rodríguez
Universidad Nacional de
Colombia, Colombia

Mario Rueda Beltrán Instituto
de Investigaciones sobre la
Universidad y la Educación,
UNAM, México

José Luis San Fabián Maroto
Universidad de Oviedo,
España

Jurjo Torres Santomé,
Universidad de la Coruña, España

Yengny Marisol Silva Laya
Universidad Iberoamericana,
México

Juan Carlos Tedesco
Universidad Nacional de San
Martín, Argentina

Ernesto Treviño Ronzón
Universidad Veracruzana, México

Ernesto Treviño Villarreal
Universidad Diego Portales
Santiago, Chile

Antoni Verger Planells
Universidad Autónoma de
Barcelona, España

Catalina Wainerman
Universidad de San Andrés,
Argentina

Juan Carlos Yáñez Velazco
Universidad de Colima, México